

VII Congresso Latino-Americano de Estudos do Trabalho.

O Trabalho no Século XXI. Mudanças, impactos e perspectivas.

GT 17 - Sociología de las Profesiones. Los modelos profesionales en debate.

Marta Panaia (CONICET-UBA / Argentina)

Alfredo Hualde (Colegio de la Frontera Norte / México)

Título do trabalho: “Normas, regras, zonas cinzentas do emprego: se tornar piloto de helicóptero em São Paulo e na Cidade do México: exercício comparativo”

Christian Azaïs

Resumo

A construção da profissão de piloto de helicóptero no Brasil e no México é emblemática das contradições impostas pela globalização em termos de elaboração das normas de emprego. Os atores se submetem às normas internacionais em termos de segurança enquanto que, em se tratando de um mercado em plena evolução, novas normas são requeridas a nível interno. Assim, cada grupo de profissionais é levado a se apropriar as obrigações exteriores, ao mesmo tempo em que procura controlar as internas ou torná-las menos constrangedoras. Esta dinâmica é propícia à emergência de “zonas cinzentas” – institucionais ou do emprego, que revelam as brechas existentes, seja porque a norma está em construção, seja porque a informalidade convém aos protagonistas. As “zonas cinzentas do emprego” se definem em relação às fronteiras instituídas das profissões. O artigo se propõe a discutir, também, o teor da globalização.

Resumo expandido:

A construção da profissão de piloto de helicóptero no Brasil e no México é emblemática das contradições múltiplas impostas pela globalização em termos de elaboração das normas de emprego. Com efeito, de um lado, a obrigação de se submeter às normas internacionais em termos de segurança e, por outro, as exigências de um mercado nacional em plena ascensão, dão margem a divergências entre os atores do setor. Assim, os profissionais se deparam com injunções múltiplas oriundas ao mesmo tempo do que é imposto de fora e do que emana do espaço nacional. Devido a contextos sócio-históricos diferentes, ambos os países não se comportam de forma idêntica frente à implementação de um quadro regulamentar do emprego. Cada grupo –militares, civis, das administrações municipal, estadual, federal-, profissionais do setor na sua diversidade e complexidade, sindicatos, associações de proteção ambiental, etc.- remodela as obrigações exteriores, de acordo com as suas necessidades, ao mesmo tempo em que reconsidera as internas, tentando controlá-las ou pelo menos torná-las menos constrangedoras, quando não procuram impor o seu ponto de vista. Portanto, presencia-se dois grandes movimentos em relação à regulamentação da atividade dos pilotos de helicóptero: 1) as agências internacionais delegam a instituições nacionais a implementação das determinações emitidas por elas e encarregam estas últimas de vigiar a sua aplicação a todos os profissionais do setor e 2) ao nível nacional, devido a inexistência de um quadro regulamentar definido, em parte porque estamos diante de uma profissão em pleno auge, os atores do setor travam uma luta e tentam influenciar a tomada de decisões, em todas as escalas. Estas modalidades podem ser lidas através do conceito de “governança”, sendo entendida esta, não na sua versão divulgada pelas instituições internacionais de *best practices*, senão como meio de se captar as interrelações, os embates entre os atores concernidos. Para tal, faz-se referência a dois tipos de governança, uma qualificada de *governança regulamentar* e a outra *governança movediça, fluida*, quer dizer ainda não totalmente sedimentada (Azaïs, 2012). Ambas as formas expressam, na sua qualidade de modo de regulação e de expressão das relações entre atores sociais, a diversidade das relações entre os profissionais envolvidos e os poderes públicos. O contexto institucional dos pilotos de helicóptero constitui o pano de fundo desta discussão.

O segundo tipo de governança, a *fluida*, deixa transparecer “zonas cinzentas” - institucionais e do emprego. As “zonas cinzentas institucionais”, dizem respeito às

brechas deixadas pela legislação, seja porque a norma está em construção ou não aplicada, seja porque a informalidade convém aos protagonistas e permite ao sistema funcionar. As “zonas cinzentas do emprego” se definem, por sua vez, em relação às fronteiras instituídas das profissões. Estão pontuadas por desconstruções e recomposições, por interações ainda não regulamentadas que evidenciam a importância das brechas. No caso específico da profissão de piloto de helicóptero, a arquitetura institucional, em fase de rearranjo no México e no Brasil, deixa zonas indecisas em diversos estágios, prova de um quadro movediço em fase de construção. Concernem, por exemplo, os dispositivos de acesso à profissão, a formação dos pilotos, os mecanismos de reconhecimento perante os seus pares, a dependência da conjuntura econômica dos dois países e, no caso em apreço das duas metrópoles, a Cidade do México e São Paulo, o que representa simbolicamente para os usuários o fato de deslocar-se na cidade de helicóptero, de forma mais corriqueira e ostensiva em São Paulo do que na Cidade do México. Todos esses elementos serão mencionados a partir do momento em que alimentam a discussão sobre as zonas cinzentas do emprego.

Estas últimas lembram a hibridização¹, que se traduz na maneira como os profissionais vinculados ao setor se apropriam ou contornam a lei. Não são específicas ao México ou ao Brasil. Com efeito, segundo uma resolução internacional, ditada em grande parte pelas companhias de seguro, somente pode pretender à qualificação de piloto quem terá voado certo número de horas, em geral 500. Outrossim, o piloto deve cada ano submeter-se a nível teórico e prático sobre o aparelho que pretende pilotar. Esta disposição é indispensável à revalidação de sua licença.

De forma mais ampla, esta profissão ilustra os dois componentes da globalização, a estandardização dos processos e a sua diferenciação. Ou seja, princípios uniformizadores que deveriam aplicar-se *urbi et orbi*, revelam os seus limites ao deixarem emergir situações particulares, fruto de práticas de atores desejosos de defenderem o seu universo.

¹ Símbolo da perda de unicidade da relação de emprego própria à la relação de emprego fordista, a hibridização é uma ferramenta analítica que permite dar conta do entricamento das formas múltiplas de trabalho e de contratos de trabalho, podendo referir-se a uma coletivo de trabalhadores ou somente a um trabalhador (Azaïs, Carleial, 2007).

O exemplo desta profissão é ilustrativo das tensões existentes quando da construção de uma profissão. Ele evidencia variáveis institucionais, características sócio-econômicas e processos de negociação *sui generis* que mostram a especificidade de cada situação, no caso em apreço deste mercado de trabalho “fechado” (Paradeise, 1988). Esta propriedade contribui para que a profissão se apresente de forma uniforme perante o exterior, o que permite práticas de diferenciação entre os indivíduos no seu âmbito, o que tem por efeito deixar margem para que os profissionais estejam submetidos à flexibilidade internamente. Outra particularidade da profissão, a flexibilidade registrada nos contratos de trabalho não é sinônima de precariedade, pois os salários vigentes na categoria são relativamente elevados ou elevados quando comparados com a média dos salários brasileiros.

Esta proposta é fruto de uma pesquisa em andamento sobre os pilotos de helicóptero em São Paulo e na Cidade do México. Já deu lugar a duas publicações em português (Azaïs, 2010, 2012).

A pesquisa de campo: as entrevistas

No Brasil, a pesquisa de campo foi feita principalmente em São Paulo, mas também no Rio de Janeiro e em Brasília, no decorrer de três períodos de uns dois meses cada um (dezembro-janeiro de 2008/2009 ; julho-agosto de 2009 e julho-agosto de 2011, além de uns dez dias em fevereiro de 2010. Na Cidade do México, as entrevistas correram em dois períodos: julho-agosto de 2010 e dezembro de 2011-janeiro de 2012. No total, foram mais de quarenta entrevistas não diretivas feitas pelo autor em português, espanhol e francês. Cada um durou em média 2 horas, alguns até 3 horas ou mais. O método da “bola de neve” foi privilegiado: um primeiro informante indica outro e assim por diante até tecer uma rede de contatos. Com o tempo, a confiança dos interlocutores cresceu, o que tornou mais fácil o estabelecimento de novos contatos.

Todas as categorias de pilotos foram consideradas: pilotos *executivos* (ou seja, assalariados privados trabalhando para um empregador), pilotos *off shore* que vão para as plataformas de petróleo, dentre as quais duas mulheres, instrutoras e instrutores, *reporters aéreos*², pilotos militares³ e do corpo dos bombeiros⁴. Fora os pilotos, usuários,

² Pilotos que acompanham os jornalistas das redes de televisão ou de rádios nas suas reportagens.

responsáveis da administração aérea, civis, militares, técnicos, directores da ANAC (Agencia nacional da aviação civil), no Rio de Janeiro, dois presidentes em exercício da ABRAPHE (Associação brasileira dos pilotos de helicóptero) e seu diretor de Marketing e das Operações, o diretor da segurança e dos assuntos internacionais do Sindicato nacional dos Aeronautas (SNA), a presidenta da ONG *Defenda São Paulo* e uma professora de direito atuante nesta organização, um ex-secretário do planejamento da Prefeitura e urbanistas da cidade.

No Mexico, uma dezena de pilotos (homens), a diretora e um de seus assessores do departamento jurídico da DGAC (Direção geral da aviação civil) e diversos responsáveis, do SENEAM (Serviços à Navegação no espaço aéreo mexicano), do Departamento das Licenças e do Controle dos acidentes aéreos foram entrevistados.

Estas entrevistas foram completadas na França por outras cinco junto a pilotos ou ex-pilotos, civis e militares; têm permitido contextualizar a percepção da profissão no Brasil e no México.

O exemplo escolhido ilustra em que medida, partindo-se de um quadro estabelecido, os atores se acomodam ou sacodem e tentam influenciar o existente, seja apropriando-se dele ou impondo as suas marcas. Este processo é próprio à construção de qualquer profissão. No entanto, o que difere no caso dos pilotos de helicóptero no Brasil (mais do que no México) é o fato de se tratar de uma profissão totalmente enquadrada a nível internacional e que carece localmente de legislação própria. Abre-se, então, espaço para o surgimento de tensões, caracterizadas aqui por “zonas cinzentas”. No México, as controvérsias se situam num estágio institucional e evidenciam as exigências de dois ministérios e acesso à profissão e à profissionalização dos pilotos. Embora não se trate da mesma profissão, a maneira de lidar com as dissensões difere sensivelmente de um país a outro e depende dos contextos social, político e econômico dos universos contemplados. A metodologia dos casos mais contrastantes (Giraud, 2012), já que o uso do helicóptero em São Paulo e na Cidade do México nem se compara em termos de movimento de

³ Da Polícia Militar (PM) em Brasília e em São Paulo, principalmente junto ao responsável do Grupamento aéreo de São Paulo. Todos estão engajados na segurança civil.

⁴ Em Brasília. Para uma explicação detalhada das diferentes categorias de pilotos (Azaïs, 2010).

aeronaves, terá a minha preferência por ela permitir comparações entre universos que apresentam, à primeira vista, nada ou poucas coisas semelhantes, porém de quem se aprende muito devido à diferenciação entre os processos, o que, de certa forma, a aceitação da globalização escolhida autoriza.

segunda-feira, 12 de novembro de 2012

Bibliografia indicativa

Azaïs Christian, “A zona cinzenta do assalariamento: os contornos da legalidade”, in Ch. Azaïs, G. Kessler, V. Telles (org.) *Ilegalismos, cidade e política: perspectivas comparativas*, Belo Horizonte, Fino Traço, 2012, pp. 167-198.

Azaïs Christian (ed.), *Labour and Employment in a Globalising World: Autonomy, collectives and political dilemmas*, Bruxelles, P.I.E. Peter Lang Ed., 2010.

Azaïs Christian, « Pilotos de helicópteros em São Paulo: o assalariamento entre ‘céu aberto’ e ‘nevoeiro’ », *Sociologias*, UFRGS, Porto Alegre, vol. 12, n° 25, out-nov-dez., 2010, pp. 102-124, http://socialsciences.scielo.org/scielo.php?script=sci_serial&pid=1517-4522&nrm=iso&rep=&lng=en.

Azaïs Christian, Carleial Liana Maria da Frota, « Mercados de trabalho e hibridização: uniformidades e diferenças entre França e Brasil », in P. Cappellin, Ch. Azaïs (org.) *Globalização e Trabalho: perspectiva comparativa entre Norte e Sul*, Caderno CRH, Salvador, Universidade Federal da Bahia (Brésil), vol. 20, n° 51, set./dez. 2007, pp. 401-417, en collaboration avec Liana Carleial.

Becker, H.S., Préface, in Demazière D., Gadéa C. (éds.), 2009. *Sociologie des groupes professionnels - Acquis récents et nouveaux défis*, 9-12.

Boussard Valérie, Demazière Didier, Milburn Philippe, 2010. *L'injonction au professionnalisme – Analyses d'une dynamique plurielle*, Presses Universitaires de Rennes, Rennes.

Champy François, 2009. *La sociologie des professions*, PUF, Quadrige, Paris.

Demazière Didier, Gadéa Charles (éds.), 2009. *Sociologie des groupes professionnels. Acquis récents et nouveaux défis*, La Découverte, Paris.

Giraud Olivier « Quelle issue au dilemme comparatif à l'heure de la globalisation ? Dans les pas de Clifford Geertz sur la voie de la comparaison des cas les plus contrastés », *Critique internationale*, no prelo, (2012).

Paradeise Catherine, 1988. « Les professions comme marchés du travail fermés », *Sociologie et sociétés*, vol. 20, n° 2, pp. 9-21.